

O Cometa Halley em Itabaiana

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO - *ex-presidente da ASL, Cadeira nº 21*

Estamos no ano de 1910, o garoto Sebastião Rodrigues de Melo, sadio e forte, completou 10 anos de existência, já absolvido pela primeira atividade de trabalho, à beira do Rio Paraíba onde, com extremo zelo, apascentava bois, bodes e carneiros. Menino esperto, nas feiras da cidade diligentemente ganhava bons trocados, na compra e venda dos animais, sempre ajudado pela cuidadosa mãe.

Naquela manhã, como era seu costume, rumou para o rio. Olhando o dia que nascera lindo. Lindo com um azul todo perfurado de vermelho e dourado. Fitou a correnteza que aparecia lá longe na calvície das folhas da mangueira. Finalmente chegou. Os animais já estavam pastando. O rio carinhoso e amigo o saudou. O sol banhava o vale. O pastorzinho percebeu que o rio brilhava mais ao sol porque recebera mais água. Sentia prazer em sentir a sola dos pés alisar a areia friinha. Observava com um sorriso indagador as folhas como borboletas mortas balançando no espaço sem saber em que parte da água iriam cair.

Os sapos coaxavam nos poços do rio. O vale do Paraíba é dotado de rara beleza. Sebastião sentiu uma paz. Paz em tudo. No coração, nos tenros anos de vida, na ternura das coisas comuns. A noção de que havia algo maior que o coração: a alma. E que as palavras do padre



Cometa Halley no céu

“O Halley reapareceu em 1986 e deve fazer-se novamente visível em 2061 – reaparece a cada 75-76 anos”

Simão Fileto ensinando que Deus penetra em cada partícula do ser humano induzindo-o ao bem. O sacerdote estava correto.

Vem a tarde iluminada e morna. Sebastião

ouve um alarido, tropel de cavalos e um corre-corre em direção ao pátio da Matriz de N. Sra. da Conceição. Sem perder tempo, dispara para lá. No pátio, havia uma pequena multidão, incluindo autoridades itabaianenses, como o prefeito Manoel Pereira Borges, o juiz de Direito Antônio Massa, o padre Simão Fileto e o diretor do Instituto N. Sra. do Carmo, o prof. Maciel, que, como mestre de ensino da região, explicava a passagem do propalado cometa Halley no céu de Itabaiana naquela tarde. Foi um momento de extrema curiosidade para todos. O pequeno Sebastião acompanhou o olhar da multidão virado no céu.

O cometa leva este nome em homenagem ao astrônomo inglês Edmond Halley – continuou o prof. Maciel – que descobriu a sua periodicidade em 1682, sendo, no dizer do cientista, o único cometa periódico visível a olho nu. O cometa Halley reapareceu em 1986 e deve fazer-se novamente visível em 2061 (reaparece a cada 75-76 anos).

Minutos depois, o céu de Itabaiana foi agraciado com a gloriosa aparição do famoso astro. Houve gritos e gritos. Sebastião ficou extasiado com o inusitado espetáculo celeste. O cometa, de uma luminosidade assombrosa, descreveu elipses muito alongadas em redor do sol. Sua cauda luminosa, belíssima, era rígida em sentido oposto ao sol. Sebastião e todos itabaianenses jamais esqueceram aquele mês de maio de 1910.

Serejo e a cultura regional

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA (1927-2016) - *pertenceu à ASL*

Artista de múltiplas faces, Hélio Serejo é, sem dúvida, o ícone maior de uma cultura multifacetada onde se cruzam influências de toda ordem. Poesia e sonho, realidade e fantasia coexistem no universo fantástico de uma obra, que traduz o panorama social de Mato Grosso do Sul, cujos matizes percorre com a segurança de pesquisador apaixonado por descobertas imprevisíveis. A riqueza de contos, crônicas, poemas, que atravessam anos sem perder o frescor do início, é fruto da interação entre razão, sensibilidade, emoção, senso de humor com a experiência e cultura de um Estado cuja riqueza apreendeu e expressou com talento singular. Inútil compará-lo a qualquer outro escritor. Dono de estilo próprio e único, resiste ao tempo, zomba dos que não sabem captar a essência de seus escritos originais.

A afirmação de Mallarmé de que poesia se faz com palavras e não com ideias aplica-se a esse mago da escrita, que descreve com ritmo de música os dramas de ervateiros, andarilhos, campeiros, que escondem, na fuga à realidade, o mistério de um comportamento objeto de indagação resolvida apenas nos esquemas da literatura. Sem medo de enfrentar preconceitos, aborda temas proibidos, trata todos os assuntos com segurança, alheio a críticas, censuras, comentários de todo tipo.

Inútil buscar o segredo da paixão que o manteve fiel durante tantos anos ao prazer de recriar a vida em termos de literatura. Onde buscou inspiração para centenas de metáforas reveladoras da afirmação de que homens, mulheres e animais formam um conjunto de dor e solidão uno e indivisível? Quem lhe ensinou a arte de deslizar do terreno movediço de contos como “Capitão” e “Um Caso Encrencado” para as sutilezas de crônicas que nos invadem a alma com o cheiro dos brejais, o silêncio das matas, o borbulhar dos rios?

Cada vez que me debruço sobre textos de Hélio Serejo sou dominada pelo poder de sedução de uma linguagem que me prende nas malhas de um ritmo, de uma originalidade, que me projetam nas festas crioulas, nas aventuras da vida fronteiriça, quais fotogramas, nos quais vejo projetada a vida social de MS. Penso que mais uma vez é a ocasião ideal para incentivarmos o encontro pessoal autor com os estudantes de todos os níveis para a busca da beleza, do prazer de ler e do encontro da grandeza de sua literatura com a de um Estado que ele tanto amou e divulgou. Numa de suas crônicas, ele diz que, quando o galo canta, é MS que está cantando. Afirmando sem medo de errar que, quando Serejo compõe, é MS que está cantando. Chegou a hora de ouvir com atenção a arte de alguém que é o mais completo retrato de nosso Estado.

Duas crônicas crônicas

SÉRGIO FERNANDES MARTINS - *Cadeira nº 32 da ASL*

Incidente

Onze horas. Ele parecia procurar o lugar certo para esconder a foto. Ouvindo os passos do irmão, que voltava do banheiro. Correu e deitou-se.

Carlos entrou e, antes de dormir, resolveu arrumar o material para o dia seguinte. Não achou a caneta.

- Mano! Sabe onde está minha caneta?
- Sei!
- Onde?
- Na minha agenda.

Carlos abriu a agenda... Viu a foto. Olhou o irmão de soslaio e leu a dedicatória em silêncio: “Para meu querido André, com amor. Mônica”. Fechou a agenda.

- Foi de propósito?
- O quê?
- Nada! Deixa para lá!
- Então apaga a luz que eu quero dormir.

Carlos obedeceu e deitou-se na parte de baixo do beliche. A frágil cama rangeu. André dormia em cima porque era bem mais leve que o irmão. Fez-se silêncio por alguns segundos. Só então Carlos começou a mexer-se. Todas as noites ele se mexia até encontrar a posição certa de dormir.

- Vai demorar muito?

Carlos não respondeu e continuou ajeitando-se.

- Quando você casar, se mexendo desse jeito, coitada da sua mulher, não vai conseguir dormir. Aliás, duvido que alguém queira casar com você.
- Eu sei de alguém.

Paulo Coelho Machado pelas ruas de Campo Grande

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR (1924-2013) - *pertenceu à ASL*

Diz o povo, e parece que diz bem, que cada época tem os homens que merece. Ele anda pelas ruas de Campo Grande. Conhece-as todas, sabe tudo a respeito delas, sua história, seus moradores, como eram nos primórdios da cidade, fatos que as marcaram para sempre. Cada rua da Cidade Morena tem seu poema, uma saga de emoções, é um viveiro de fatos interessantes, lirismo, tragédia, aventuras, enfim, vivências que estariam mortas e sepultadas na pátina do tempo não fosse o andarilho das ruas da capital sul-mato-grossense.

Observador acurado, exímio pesquisador, memória privilegiada e metódico registrador de informações, ele fez das ruas de Campo Grande uma história admirável, bonita, leve, repleta de lances e imprevistos que não poderia perder-se jamais. Sob o condão de sua pena irrequieta e curiosa, as velhas ruas

- Quem?
- Mônica!

André enfiou a cabeça sob o travesseiro e calou-se. Apesar de tudo, era verdade. Dormiu.

Todos na cidade então dormiram. Menos é claro o guarda-roupa, a mesinha de cabeceira, os chinelos, a caneta, a agenda, a foto de Mônica e principalmente o beliche.

Carlos se mexeu a noite toda.

Clara

Clara era clara e de olhos bem negros: clara um dia pensou em ser mãe e falou em casamento: falou em namorar, noivar, estas coisas, e alegrou toda a família. foi aí que clara se arrumou clara se enfeitou clara namorou clara pintou e bordou até que clara se apaixonou.

é: clara se apaixonou perdidamente por carlos eduardo ramalho de oliveira: a família entusiasmada se ouriçou: queria porque queria conhecer o tal do cadu. clara concordou e nisso não mais se falou até o domingo seguinte, quando clara o apresentou: vestindo traje esporte, carlos eduardo preto retinto sorria com seus olhos claros e brilhava na sua pele escura: simpático e apaixonado, cadu muito conversou e a todos conquistou.

marcou-se a data do casamento e hoje o que se sabe é o seguinte: clara de olhos negros casou-se com cadu negro dos olhos claros e de tão felizes têm muitos filhos: uns mais claros, outros mais escuros, mas todos eles sapeças que só vendo.

isso tudo veio para provar mais uma vez que a ordem dos fatores não altera o produto.

- e que produtos! exclamam os avós coxujas.

+POESIAS

Não esqueça o amor

esquece que o tempo esquece
deixa aquela alegria entristecida
abandona o retorno à solidão
afasta a descrença no que existe a dois

nem repare a imperfeição das tentativas
não se abale com a ilusão perdida
chega de viver dos corpos de momentos
nada de buscar ser artista do amor

amargue a infinita esperança
chore o desespero das lembranças
faça o coração ressuscitar

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Salve, terra morena!

Tu que vens de longe, ó cansado viandante!
Que tens magoados os pés, dum longo caminhar
Por paragens longínquas... tão distantes...
Descansa em nosso abrigo! a noite vai chegar!
Buscas água? - cristalina fonte borbulha sussurrando.
É o amor que buscas? almas amantes esperando estão,
Sob cúpula estrelada dormirás sonhando,
Em manhãs formosas os sabiões te acordarão.

Aqui, amenas brisas murmuram docemente,
Aqui, sempre perene é a vegetação;
Onde a civilização campeia ingente:
Esmeralda rútila engastada no sertão.
E quando o sol radioso tua existência vier doirar,
Quando em bonança o teu barco velejar,
Debruça-te osculando a terra hospitaleira
Que vela por tua Pátria, a Pátria brasileira.
Que então teus lábios cantem um hino de ternura:
- Salve, Campo Grande - morena, ninho acolhedor!
Berço de pioneiros, oásis de ventura!
Onde começa o céu, onde começa o amor!

HENEDINA HUGO RODRIGUES

Saudade

Há uma saudade latente em meu peito.
É lírica, linda, não sei de onde vem...
Me angustia, remói de tal jeito
Numa dor, abala minh'alma também.

Uma harpa em polca paraguaia,
Traz um passado remanescente.
Qual araponga, seu cantar desmaia,
Em saudade, lembrança tão ausente.

A harpa a ressoar pelo salão,
a volúpia da dança, felicidade.
Nos passos em rodopios a embalar.

Esta saudade faz doer o coração.
A harpa traz lembranças sem idade
No pensamento, no sonho, a machucar.

ELIZABETH FONSECA

Galho de romãs

Um improviso da natureza
jogou por sobre o muro em ruínas
da velha casa da Rua Velha
um galho juvenil em pencas,
com romãs de casca brilhante.
O muro alto como um forte
deixava as frutas inatingíveis
ao meu poder de criança.
O desejo comia pelos olhos,
a ausência da delícia na boca.
Admirar foi a saída,
como outras tantas frutas,
que vi pela vida afora.

AMÉRICO CALHEIROS

Microtexto

No poder
Ruminantes não sobrevivem
Criam dentes predadores
E se unem em matilhas
Políticos em pele de bovinos...

HUMBERTO ESPÍNDOLA